

Brigas de Torcida: Como a Mídia Retrata os Casos de Violência no Futebol ¹

Thaís NUNES²

Fernando GOSS³

Cristiane PEREIRA⁴

Universidade da Região da Campanha, Bagé, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar de que forma a mídia trata a violência no futebol, através das brigas entre torcidas. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma análise qualitativa, utilizando o método de análise de conteúdo de cinco reportagens. Sendo assim, a pesquisa verificou como os conflitos entre torcedores são tratados pelos veículos de imprensa; como a mídia atua na construção da passionalidade. Com este artigo pude constatar que as reportagens sobre esse tema tentam apontar punições para a violência como forma de solução do problema e muitas vezes generalizam os torcedores, dando a entender que todos aqueles que fazem parte de torcidas organizadas cometem atos de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Jornalismo; Violência.

INTRODUÇÃO

O futebol é tido como a paixão nacional dos brasileiros, mobilizando milhões de torcedores por todo o país. O esporte é capaz de mexer com as emoções do público, que experimenta sensações de euforia com a vitória ou tristeza profunda com a derrota do time. Já virou cena comum nos jogos a câmera da televisão captar a imagem de algum torcedor chorando porque o clube do coração foi eliminado do campeonato. Ou então as pessoas se abraçando nas arquibancadas, mesmo se conhecer, comemorando a classificação do time. E isso vale para torcedores (as) de todas as idades. Mas alguns extrapolam na emoção e acabam externando esse sentimento de forma exacerbada.

O ano de 2013 foi considerado o mais violento da história do futebol brasileiro.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Especialização em Docência do Ensino Superior da Urcamp, e-mail: thaisbnunes2011@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo Urcamp, e-mail: fernando.goss@embrapa.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo Urcamp, e-mail: cripereira@hotmail.com

Entre 1999 e 2008 morreram 42 pessoas em conflitos entre torcidas de futebol. Desde 2009 esses índices tiveram um aumento constante, tendo o seu ápice em 2013, somando 30 mortos em conflitos⁵. Atualmente os clubes que têm torcidas envolvidas em brigas podem ser penalizados com perda do mando de campo e multas. Porém, temos provas quase que diárias de que esse tipo de punição não é suficiente, pois os indicadores de brigas de torcida têm aumentado nos últimos anos.

Diante desse alto número de atos violentos envolvendo uma prática esportiva, o objetivo da pesquisa é compreender como a mídia trata esse assunto, analisando aspectos como o enfoque, tipo de linguagem e fontes utilizadas, por exemplo. Além disso, o trabalho também busca identificar de que forma a imprensa atua na construção da passionalidade dos torcedores.

Além de comparecer aos estádios, esses torcedores dão grande audiência para os veículos de comunicação que tenham uma parte de sua publicação dedicada ao esporte. Quando assiste, lê ou escuta uma informação sobre o seu time, o torcedor também se importa com o tratamento que será dado pelo meio de comunicação. Por isso é tão importante buscar compreender o que acontece entre estes grupos de torcedores e qual o papel que a mídia desempenha nesta situação.

O jornalismo esportivo é uma das práticas jornalísticas mais procuradas pelo público (seja nos meios impressos, televisivos ou radiofônicos). Isso pode ser constatado facilmente nos meios de comunicação que cada vez mais abrem espaço para o esporte, principalmente para o futebol. Na televisão, por exemplo, todos os canais dedicam um espaço diário para falar do assunto. Alguns canais inclusive têm sua programação inteiramente dedicada ao esporte. O crescimento desse espaço aumenta também o número de profissionais envolvidos nesse tipo de cobertura. Assim, torna-se fundamental analisar e refletir sobre o papel da mídia na cobertura de confrontos entre torcedores. É necessário questionar se os profissionais da comunicação estão comprometidos com a ética e com os princípios do jornalismo.

A IMPRENSA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO TORCEDOR

Na década de 1930, começam os primeiros campeonatos regionais de futebol no

¹ Dados obtidos no site do G1 acessado em 30 de março de 2015, as 16:32h
<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/12/brigas-de-torcidas-matam-30-em-2013-ano-mais-violento-do-futebol-brasileiro.html>

Brasil, aumentando a competitividade entre os clubes. Mas essa competitividade não se dá apenas em quem disputa o esporte, ela ocorre, principalmente, em quem é espectador dessa modalidade. Neste sentido, Gastaldo (2005) afirma que pertencer a uma determinada torcida é mais uma questão que leva em conta a afetividade do que a institucionalidade entre um clube e seus sócios.

Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida (“Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...”). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como “nação” (“nação colorada”, “nação rubro-negra” etc, de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de “comunidade reunida” em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo “time do coração” (GASTALDO, 2005, p. 8).

Segundo Bezerra (2008), com a profissionalização do futebol em meados do século XX, aumenta o interesse dos torcedores pelo esporte, já que os jogadores se dedicam integralmente para a atividade, aumentando o nível técnico dos jogos. Assim, cresce também a procura por jogadores habilidosos, que muitas vezes são encontrados na periferia dos grandes centros, fazendo com que o futebol não seja apenas uma paixão, mas também uma forma (e talvez a única, para algumas pessoas) de melhorar de vida. E a imprensa pode desempenhar grande papel nisso. Para Bezerra (2008, p. 26) “É como se um elemento participante da massa, que geralmente é anônimo, conseguisse passar a ser sujeito do próprio destino, se conseguir através do futebol, uma maior valorização do indivíduo em si”.

Para Toro (2002), é no momento que a imprensa perde o interesse no futebol como um evento social e passa a noticiá-lo como evento esportivo e gerador de paixões, que a mídia passa a atuar na construção da passionalidade.

Antes do futebol se tornar popular no Brasil, em meados do século XX, o esporte era extremamente elitizado, já que apenas as pessoas da classe mais alta o praticavam dentro dos clubes (aqui se trata do conceito de clube como um seleto grupo da sociedade). Porém, ao longo dos anos o futebol sofre uma modificação em seu público, tornando-se, já no final da década de 1920, a grande paixão nacional. O que antes era praticado apenas por pequenos grupos sociais, passa a atrair uma grande

multidão aos jogos. Isso fica mais evidente com o desenvolvimento da imprensa, fazendo com que o esporte atinja cada vez mais pessoas em locais mais distantes, penetrando definitivamente no cotidiano da população brasileira.

Sendo assim, o futebol passa, ao longo dos anos, a refletir a cultura brasileira – acompanhado de outras formas de manifestação, como o carnaval, por exemplo – e as mudanças sociológicas sofridas pelo país. Para Rinaldi (2000), o futebol nos fornece argumentos para que possamos entender melhor as formas de organização e as relações que permeiam a sociedade brasileira.

Nesse sentido, pode-se verificar que o futebol expressa a sociedade, pois o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo. Ambos expressam-se mutuamente, principalmente no que se refere à subjetividade das relações estabelecidas dentro do contexto de uma partida de futebol, as transgressões às regras, à ordem e à desordem, o envolvimento da torcida com seu time de coração, chorar ou se alegrar, brigar ou festejar. O futebol teria, assim, uma riqueza simbólica, que poderia expressar a sociedade brasileira. (RINALDI, 2000, p. 171).

A VIOLÊNCIA NAS TORCIDAS

Se o futebol pode ser considerado como uma legítima manifestação cultural do povo brasileiro, ele também refletirá suas transgressões. As transgressões começam a surgir no imaginário popular acompanhada da figura do “malandro”, alguém que se esquivava das convenções sociais. Assim o futebol, geralmente é visto como uma forma de brincadeira, onde o que é feito ou dito não deve ser levado ao pé da letra.

De acordo com Toledo (1996), ser torcedor é um importante papel social e a partir dele podemos pensar a sociedade. Levando em conta que o futebol pode ser considerado um movimento social, já que mobiliza um grande número de pessoas em prol de um denominador comum, devemos ter uma atenção especial com este esporte. Se as torcidas são capazes de espancar e até matar alguém por pensar de forma diferente, provavelmente algo está fora do lugar na sociedade como um todo.

Admiradores do esporte passam a se organizar em grupos, as chamadas torcidas organizadas, para torcerem por um mesmo clube. Pessoas de diferentes origens se unem em prol de um bem comum, formando uma nova identidade cultural.

Para Perussi (2000) a maior parte da torcida apenas produz descargas emocionais durante os jogos e não enxerga o futebol como algo que possa induzir a violência. Para ele, a violência não faz parte do futebol e pessoas que cometem atos violentos nos estádios não podem ser chamadas de torcedores.

Porém é importante ressaltar que, de certa forma, a violência sempre coexistiu com o futebol. Desde a sua origem, a história do esporte é recheada de atos violentos, que devem ser analisados dentro do seu contexto. Para Perussi (2000, p. 3), “Compreender a violência como um fenômeno externo ao campo futebolístico possui outra dificuldade: independentemente de ser intrínseca ou extrínseca, a violência sempre existiu no futebol desde as suas origens”.

A partir da década de 1940, começam a surgir as primeiras torcidas organizadas no país. A Charanga do Flamengo é considerada por muitos historiadores como a primeira forma de organização dos torcedores no futebol brasileiro. Mas as torcidas organizadas surgidas entre as décadas de 1940 e 1950 eram bem diferentes das organizações que existem atualmente. Elas desempenhavam a função de ajudar na propagação do futebol, já que naquela época os meios de comunicação não estavam tão presentes na vida da população como acontece atualmente.

Na década de 1970 as torcidas organizadas começam a ser difundidas e crescem, aumentando a incidência e o número de torcedores em cada uma delas. Mas nos anos 1990 é que elas ganham as características que conhecemos hoje, tentando fazer com que para ser considerado um torcedor de verdade o indivíduo deve participar destas organizações. O sociólogo Maurício Murad (2007) classifica esse tipo de torcida como etnocêntrica, autoritária e mesmo pejorativa.

Para Neto (2013), a violência sempre permeou a história das torcidas organizadas. Ele acredita que elas foram criadas com o intuito de fiscalizar e cobrar os clubes através da imposição, utilizando a violência para isso.

Toro (2004) acredita que a partir do momento em que o futebol se torna popular no país é que a violência começa a fazer parte do esporte. Ele argumenta que a partir do surgimento da arquibancada, que era o local destinado ao público menos nobre que frequentava o estádio, é que nascem novas formas de manifestação da torcida mais apaixonadas, mudando completamente a estrutura que os clubes necessitam para garantir um bom espetáculo.

Na década de 1990 as torcidas organizadas crescem vertiginosamente, aumentando muito o número de sócios. O desenvolvimento dessas torcidas acompanhou o crescimento do futebol brasileiro, espalhando-se por todo o país (NETO, 2013).

Podemos perceber que desde o começo da organização das torcidas como instituições, a mídia sempre teve um importante papel de divulgação. O professor e sociólogo Maurício Murad (2007) acredita que a mídia, através do destaque que dá aos atos violentos cometidos no esporte, acaba celebrizando os torcedores que cometem esses atos. Murad (2007) ainda acredita que a imprensa passa ao público a sensação de que a maioria dos envolvidos nos esportes sejam atletas ou torcedores, cometem atos violentos.

Sanfelice (2004) explica que para a mídia gera muito mais audiência um caso que foge as regras de conduta no campo esportivo do que um ato considerado normal, que vai passar despercebido pelo espectador. Nesse sentido, o autor afirma que pode importar mais o torcedor que comete algum tipo de transgressão do que a defesa de um goleiro.

Em relação aos conflitos dentro do futebol, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) orienta que a imprensa não mostre as brigas ou invasões de campo ao vivo, ou seja, no momento em que elas acontecem dentro dos estádios. Esta orientação tem como objetivo não promover ainda mais estes conflitos.

METODOLOGIA

As reportagens selecionadas aleatoriamente representam veículos de comunicação de diversos segmentos, como televisão, internet e revista. Elas foram escolhidas já que fazem parte de importantes publicações do país. Ao todo, foram analisadas cinco reportagens, sendo que uma delas é uma série composta por sete matérias. Para tanto foi realizada uma análise qualitativa, utilizando o método de análise de conteúdo, baseado em Laurence Bardin (2011).

ANÁLISE DOS DADOS

Análise da matéria “Como acabar com as gangues do futebol”, publicada na revista *Istoé*.

A matéria foi publicada na revista *Istoé* no dia 30 de março de 2012, na edição de número 2212 e tem a assinatura do repórter Rodrigo Cardoso. O posicionamento do repórter já pode ser visto na frase de abertura da matéria: “As torcidas organizadas agem como quadrilhas, matam e aterrorizam cidades por todo o país. A repressão a esses baderneiros se tornou um desafio nacional”.

No começo do texto o repórter utiliza a expressão “gangues uniformizadas que usam as cores de times de futebol para espalhar medo e matar”, para definir os membros de torcidas organizadas. Em todo o texto é possível perceber muitos adjetivos pejorativos quando o repórter fala dos torcedores, como “gangues uniformizadas”, “baderneiros” e “encrenqueiros”.

O repórter afirma que a pior situação enfrentada no país em relação à violência nas torcidas acontece em São Paulo, devido ao tamanho das organizadas. Ele afirma que: “Por isso, mesmo regiões distantes dos estádios ficam reféns dessas gangues. Trechos de várias cidades brasileiras estão sujeitos à violência desses baderneiros em dia de futebol e a população fica sitiada”.

O repórter começa a apresentar outras fontes que foram ouvidas para entender o que deve ser feito para combater a violência nos estádios, que são um major da Polícia Militar Paulista, um procurador da Justiça e deputado estadual pelo PSDB e um promotor do Departamento de Defesa dos Direitos do Torcedor, do Ministério do Esporte. Todos defendem medidas severas, como prisão em massa por formação de quadrilha e monitoramento de redes sociais, por exemplo.

Para finalizar o texto, o repórter cita o exemplo de países europeus que não acabaram com os grupos de torcedores violentos, mas conseguiram contê-los. O repórter finaliza a matéria com a seguinte frase: "Prevenir, reprimir, prender e condenar exemplarmente é o que se espera do poder público".

Ao longo de todo o texto é possível perceber que o repórter utiliza muitos adjetivos pejorativos para designar os membros de torcidas organizadas, deixando muito clara a sua posição sobre o assunto. Ele generaliza o tempo todo, como se todos os torcedores fossem um bando de marginais dispostos a cometer qualquer tipo de crime, fazendo com que a população "normal" fique acuada diante dessas atitudes.

Análise da reportagem "Brigas entre torcidas de grandes clubes já deixaram mais de 100 mortos no Brasil", do portal R7.

A matéria do portal R7, de autoria de Eugenio Goussinsky e Sylvia Albuquerque, foi publicada em dezembro de 2014. Os repórteres fizeram um levantamento sobre o número de mortes em brigas de torcidas nos últimos 26 anos. Segundo a pesquisa, foram pelo menos 101 pessoas mortas de diversas formas, como tiros, espancamento, bomba, entre outras. O primeiro caso registrado pela pesquisa aconteceu em 1988, e o último a morte de um jovem em outubro de 2014.

Os repórteres relatam a dificuldade dos órgãos públicos em estimar com precisão os números desse tipo de crime, já que eles são classificados como homicídios na esfera penal.

A seguir, os repórteres retratam a dificuldade dos clubes em controlar a "ação de elementos violentos das torcidas" por não se desvincularem delas. O exemplo dessa vez é o Grêmio, em que as organizadas recebem vários tipos de benefícios, como ingressos para jogos, auxílio para as viagens e tem representantes no Conselho Deliberativo do clube.

O Ministro do Esporte na época, Aldo Rebelo, é ouvido pela reportagem e afirma que a solução para diminuir os casos de violência nos estádios seria a ação penal aos torcedores que cometem atos de violência e a punição relativa ao esporte. Em seguida é apresentado um levantamento do Ministério do Esporte feito pela Secretaria Nacional do Futebol e da Defesa do Torcedor, onde consta que apenas 3% dos torcedores que mataram outros estão presos.

O texto é encerrado citando o caso de uma torcedora do Goiás que morreu baleada em novembro de 2011, em que o autor foi condenado. Os repórteres procuraram ouvir diversas fontes para a reportagem. Eles conseguiram ouvir um assessor do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o então Ministro do Esporte, Aldo Rebelo, um promotor e um advogado. Mas, novamente, não ouviram nenhum membro de torcida organizada. Ao contrário da reportagem da revista *Istoé*, os repórteres não se referem às torcidas organizadas de forma pejorativa. Eles apenas mostram os números de violência e ouvem fontes na busca por uma solução para este problema.

Análise da reportagem "Brigas de torcida matam 30 em 2013, ano mais violento do futebol brasileiro", do *Fantástico*.

A reportagem, com duração de cerca de cinco minutos e meio, foi ao ar no dia 15 de dezembro de 2013 no programa *Fantástico*, da Rede Globo. Nela, o repórter Carlos de Lannoy mostra casos de torcedores envolvidos em brigas nos estádios. O repórter utiliza como exemplo o caso do jovem Anderson, de 23 anos, que ficou com o lado direito do corpo paralisado e perdeu parte da visão após ser atingido na cabeça por uma bala de borracha em um confronto entre torcedores e a Polícia Militar.

A partir desse caso, Lannoy traça um panorama da violência no futebol brasileiro nos últimos 14 anos. Os dados foram obtidos a partir de uma pesquisa coordenada pelo sociólogo Maurício Murad, que apresenta o número de mortos em confrontos entre torcidas desde o ano 1999 até 2013. Ao final do texto, Lannoy tenta identificar de quem é a responsabilidade por esses casos de violência entre torcidas e aponta possíveis soluções para esses conflitos, ouvindo um promotor que afirma ser necessária uma mudança no Estatuto do Torcedor e até mesmo no Código Penal para punições mais severas, coibindo, no entendimento dele, os atos de violência.

Nessa reportagem, Lannoy procura ouvir vários lados para traçar o panorama da violência da melhor forma possível. Para tanto, ele entrevistou um jovem que ficou com sequelas após uma briga, o sociólogo e coordenador da pesquisa, um delegado, um promotor e duas mães que tiveram seus filhos mortos em confrontos. Em nenhum momento ao longo do texto o repórter usa termos pejorativos para descrever os torcedores. É possível perceber que ele explora mais o lado emocional com o relato das duas mães, que aparecem na tela chorando.

Análise do programa *Conexão Repórter*, do SBT, com o especial "Bastidores das torcidas organizadas"

O programa, com duração de 45 minutos, é apresentado por Roberto Cabrini e já inicia com cenas fortes de espancamentos dentro de estádios, prometendo mostrar "o outro lado das torcidas organizadas", tomando como base a Gaviões da Fiel. Um produtor do programa é infiltrado durante quatro meses na torcida organizada utilizando uma câmera escondida. O apresentador utiliza expressões que serviriam para demonstrar a verdadeira face das torcidas: "As torcida e a guerra. A propagação do ódio. A glamorização da violência".

Na primeira intervenção do apresentador, ele afirma que: "Aqui praticamente não há exceções. Em maior ou menor grau, as centenas de torcidas organizadas do país viraram, também, máquinas de guerra".

Cabrini também passa a acompanhar uma viagem da Gaviões da Fiel, se identificando como repórter. Mesmo assim, o produtor segue infiltrado. Ao longo da conversa com torcedores, Cabrini descobre que eles possuem um lado social, em que a torcida promove eventos beneficentes e entregas de donativos a pessoas carentes. Sobre isso, um promotor de justiça afirma que essas são práticas comuns dentro das torcidas. Mas ao longo do programa não se fala mais desse assunto. O foco continua sendo apenas os atos de violência.

Ao longo durante uma viagem, vários restaurantes se negam a receber os corinthianos. O dono de um estabelecimento afirma que sempre que a torcida corinthiana frequenta o local, eles roubam produtos e saem sem pagar o que consumiram. A entrevista é seguida de cenas capturadas de câmeras de segurança de outros estabelecimentos que mostram os torcedores cometendo esses atos.

Em outra viagem da Gaviões da Fiel, Cabrini relata que os torcedores falam abertamente sobre o consumo de cocaína, mostrando imagens do consumo da droga dentro dos estádios. Logo após, as imagens mostram um princípio de confusão entre alguns torcedores, acompanhadas da voz do apresentador falando: "Drogados, brigam sem freios. Sem a capacidade de julgar a situação adequadamente. Quem não vibra é intimidado".

No bloco seguinte é mostrado um torcedor que esteve envolvido na morte de um adolescente que está proibido pela Federação Paulista de Futebol de frequentar estádios, mas mesmo assim não respeita a proibição. A partir desse caso é ressaltado que não há controle por parte da Federação dos torcedores que fazem parte das organizadas.

Ao final do programa, Cabrini relata que tentou contato com a diretoria da Gaviões da Fiel para comentar o que foi divulgado na reportagem, mas ninguém quis se pronunciar. Neste programa é possível perceber o sensacionalismo extremo com a questão da violência nos estádios. Os depoimentos utilizados sempre denigrem a imagem das organizadas dando a entender que todos os filiados cometem atos de violência. O programa é baseado na generalização, onde todas as torcidas são violentas e os torcedores são marginais.

Análise da série de reportagens do *LanceNet*

Em abril de 2012 o site *LanceNet* publicou uma série de reportagens com a temática das brigas entre torcidas, escrita pelo repórter Rodrigo Vessoni. A primeira matéria foi publicada no dia 3 de abril de 2012, com o título "Brigas ligadas ao futebol já fizeram 155 vítimas fatais em todo Brasil", e traz um levantamento feito pelo repórter de quantos torcedores morreram em confrontos entre torcidas organizadas, durante o período de 1988 a 2012. A pesquisa foi feita através de um acompanhamento de jornais de todo o país e apontou 155 mortos em 24 anos.

Vessoni começa o texto classificando as brigas de torcidas como "guerra entre facções organizadas". Ele afirma que este é um problema generalizado no país. A seguir são esmiuçados os dados obtidos, como número de mortos, regiões do país onde os casos ocorreram, faixa etária das vítimas e causas dos óbitos.

Durante o texto, Vessoni utiliza algumas expressões fortes para falar das brigas de torcida, como "guerra entre facções organizadas", "selvageria" e "assassinos em busca de poder, vingança ou mais território tiram vidas sem qualquer freio".

No mesmo dia, *Lancenet* publicou outra reportagem em seu site intitulada "Violência: jornalistas falam do problema nacional", em que profissionais de cinco estados do país comentam suas impressões sobre a violência no futebol a partir da primeira reportagem da série.

A terceira reportagem intitulada "Especial: violência no futebol não tem hora, dia nem local", publicada em abril de 2012, aponta que a maioria das mortes acontece fora dos muros dos estádios. Ao longo do texto o repórter utiliza casos de mortes de torcedores para exemplificar os números apresentados. Em seguida, o repórter ouve o chefe do departamento de segurança da Federação Paulista de Futebol e faz um bate-bola com o diretor de Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor, ligada ao Ministério do Esporte, que promete um plano de ação que deveria ser colocado em prática ainda no mês em que a reportagem foi publicada.

Na quarta reportagem da série, "Violência: triste ranking dos que mais morrem e matam", as torcidas organizadas dos clubes paulistas são apontadas como as maiores causadoras de mortes e as que mais perderam membros em confrontos. A seguir, Vessoni mostra que a polícia também tem sua parcela de mortes nesse levantamento, citando dois casos de torcedores mortos pela polícia. Outro problema

classificado pelo repórter como "inacreditável", são as brigas entre torcedores da mesma organizada.

Na quinta matéria, "Especial: 24 brigas sem vítimas nos últimos 97 dias", Vessoni apresenta os confrontos entre torcidas ocorridos em 2012 que não registraram mortos. O repórter afirma que estes números representam uma "média angustiante" de uma briga a cada quatro dias no país. Nesta reportagem é possível perceber que Vessoni faz questão de mostrar uma espécie de caos no futebol, onde brigas são registradas quase que diariamente e que nem mesmo os dirigentes escapam da fúria das torcidas.

Na sexta matéria, "Especial: apenas 27 presos após 155 mortes no país", é relatado que das 155 mortes ocorridas entre 1988 e 2012, em apenas 27 dos casos os culpados foram punidos. Segundo Vessoni, "Uma legislação menos branda, talvez específica para casos ligados ao futebol, minimizaria esse problema".

É citado como exemplo o caso em que o autor da morte de um atleticano foi condenado a dois anos de prisão, que foram convertidos em prestação de serviços comunitários. Para finalizar a reportagem, é apresentada uma lista apontando como terminou a investigação de alguns casos de mortes no futebol. Desta vez, a matéria não apresenta nenhum depoimento como fonte de informação, apenas esclarece dados obtidos ao longo da pesquisa.

Na sétima e última reportagem, "Especial: união interestadual das facções é fator negativo", Vessoni relaciona algumas mortes ao fato de que torcidas de diferentes estados acabam se associando e criando rivalidades que transcendem os limites geográficos. Para finalizar, é apresentada uma lista com as divisões das torcidas pelo país conforme os gestos utilizados por elas. Aqui o repórter classifica que aquelas torcidas que utilizam o mesmo tipo de gestuais são "parceiras". Nesta reportagem também não é utilizada nenhum depoimento como fonte, apenas os dados obtidos no levantamento.

Ao total da série, foram utilizados sete diferentes depoimentos como fonte de informação, uma média de um depoimento por reportagem, baixa para o que estamos acostumados a ver no jornalismo. Além disso, em toda a série, o repórter se refere às torcidas organizadas com o termo "facções", como se elas fossem gangues do crime organizado. Outro fato interessante é que apesar da série ser composta por sete reportagens, nenhuma delas traz o depoimento de um torcedor, seja ele ligado às

organizadas ou não. As afirmações do repórter de que a população sente medo e está acuada são baseadas em suas próprias percepções. Em nenhum momento ele dá voz a alguém que realmente tema essas situações ou que tenha deixado de frequentar os estádios por causa disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar de um tema tão polêmico como as brigas entre torcidas organizadas é um desafio para imprensa, principalmente para os repórteres de um modo especial. São eles que, muitas vezes, acompanham essas situações de perto, tornando-se parte dela também. Sendo assim, é difícil retratar um assunto tão delicado de forma imparcial.

O enfoque temático dos conflitos nas publicações analisadas é bem parecido. Na matéria publicada na revista *Istoé*, podemos perceber, até mesmo pelo título, que o enfoque principal é a forma de combater a violência. Já nas reportagens publicadas no portal *R7* e no programa *Fantástico* o enfoque é informar os números relativos à violência no futebol. Já no programa *Conexão Repórter*, é possível perceber que o enfoque seria o lado obscuro das torcidas, sempre enfatizando os atos de vandalismo. Além disso, nota-se que as publicações geralmente não ficam delimitadas ao eixo Rio-São Paulo, mostrando os atos de violência que acontecem com torcidas de outros estados.

As fontes de informação utilizadas por todas as publicações são bem parecidas também. Poucas são as variações encontradas. Todas as publicações ouviram fontes oficiais, como delegados, promotores, advogados e membros de entidades de controle do futebol. A matéria veiculada no *Fantástico*, além dessas fontes, ouviu também o sociólogo Maurício Murad, um torcedor que ficou com sequelas após um confronto entre torcidas e duas mães que perderam seus filhos nessas brigas. Porém, com exceção do programa *Conexão Repórter*, nenhuma outra matéria ouviu torcedor que tenha cometido atos de violência nos estádios. Nem mesmo o *LanceNet*, que realizou uma série com sete reportagens, em nenhum momento ouviu algum torcedor. Todas as reportagens falam das torcidas, mas nenhuma dá voz a elas.

É importante salientar que em todas as reportagens é possível perceber um esforço em apontar soluções para a questão da violência nos estádios. Uma das soluções mais apontadas, embora de forma velada, é a extinção das organizadas, como se elas fossem o centro de toda a violência no país. A sociedade como um todo está mais violenta e

isso acaba refletindo nos estádios, e não o contrário. Temos provas diárias nos noticiários de que a sociedade vive um momento violento. Mas isso não pode ser atribuído as torcidas organizadas, já que uma parte ínfima dos crimes está relacionada a elas.

A extinção das organizadas, que é pregada por muitos, inclusive por autoridades responsáveis por coibir a violência dentro do esporte, não é a solução para o fim das brigas entre torcidas. A Inglaterra é um exemplo disso. Em nenhum momento os Hooligans foram totalmente extintos, eles estão sob o controle das autoridades.

Acredito que esse posicionamento por parte de quem deveria “cuidar” das torcidas é preocupante, pois ao ler as reportagens parece que a questão da violência nos estádios é incontrolável, que não nenhuma solução possível, que as leis são aplicadas de forma exemplar e que mesmo assim não são capazes de controlar os instintos de um bando de selvagens que nem se importam com o que está acontecendo dentro de campo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70 – Brasil, 2011.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O futebol midiático**: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Dissertação, São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008.

GASTALDO, Édison. **Uma arquibancada eletrônica**: reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. Campos – Revista de Antropologia Social. Curitiba, v. 6, p. 113 – 123, 2005.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. São Paulo: Ed. FGV. 2007.

NETO, Edi Alves de Oliveira. **Violência no futebol e torcidas organizadas**: um estudo em representações sociais. Monografia em Sociologia, Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

PERUSSI, Artur. **Notas sobre futebol e violência**. João Pessoa, 2000.

RINALDI, Wilson. **Futebol**: manifestação cultural e ideologização. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 11, n.1, p.167 – 172, 2000.

SANFELICE, Gustavo Røese. **Futebol, espetáculo e mídia**: reflexões, relações e implicações. Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, 2004.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo**: notícias das torcidas organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). Dissertação em Sociologia, Campinas: Unicamp, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.